



Instituto Brasileiro de Análise do Comportamento

**O Retrato do Impacto das Relações Afetivas no
Filme “Sozinho contra todos”:
Uma História de Coerção**

Sara Alves Martins

Brasília
Junho de 2012



Instituto Brasileiro de Análise do Comportamento

**O Retrato do Impacto das Relações Afetivas no
Filme “Sozinho contra todos”:
Uma História de Coerção**

Sara Alves Martins

Brasília
Junho de 2012



Instituto Brasileiro de Análise do Comportamento

**O Retrato do Impacto das Relações Afetivas no
Filme “Sozinho contra todos”:
Uma História de Coerção**

Sara Alves Martins

Monografia apresentada ao Instituto Brasileiro de Análise do Comportamento, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Análise Comportamental Clínica.
Orientadora: MsC. Ana Karina C. R. de-Farias

Brasília
Junho de 2012



Instituto Brasileiro de Análise do Comportamento

Folha de Avaliação

Autora: Sara Alves Martins

Título: O Retrato do Impacto das Relações Afetivas no Filme “Sozinho contra todos”: Uma História de Coerção.

Data da Avaliação: 29/06/2012

Banca Examinadora:

Orientadora: Prof.^a MsC. Ana Karina C. R. de-Farias

Membro: Prof. Esp. Frederico Veloso

Membro: Prof.^a Dr.^a Luciana Verneque

Brasília
Junho de 2012

Ao incrível Hulk!

Agradecimentos

Agradeço à minha família – em especial à minha mãe, D. Cecília Valentina – pela paciência que cederam a mim nesse momento importante de minha formação.

Agradeço também a todos que me encorajaram (e continuam encorajando!) ao longo dessa jornada.

Um agradecimento mais que especial ao meu querido e companheiro e rebuscado revisor pela atenção e o carinho dedicado, principalmente nos momentos mais difíceis. E por ser essa pessoa linda que me dá suporte diariamente em todos os aspectos.

Sumário

Folha de Avaliação -----	i
Dedicatória -----	ii
Agradecimentos -----	iii
Sumário -----	iv
Resumo -----	v
Introdução -----	1
Capítulo 1. Resumo do filme-----	3
Capítulo 2. Comportamentos Governados por Regras e Comportamentos Diretamente Modelados por Contingências-----	5
2.1. Regras e Autorregras-----	5
2.2. Regra Social: Moralidade-----	8
2.3. Implicações dos Comportamentos Governados por Regras e dos Comportamentos Diretamente Modelados pelas Contingências-----	11
Capítulo 3. Comportamento Privado-----	13
Considerações Finais -----	21
Referências Bibliográficas-----	23

Resumo

Este trabalho propõe uma análise dos comportamentos do personagem do filme “Sozinho contra todos”. Tem como embasamento os pressupostos teóricos da Análise do Comportamento. Apresenta alguns conceitos da teoria e demonstra-os através dos fenômenos comportamentais apresentados pelo personagem, destacando, assim, suas relações comportamentais relevantes. No filme, a análise das contingências da vida do personagem indicam que o controle por regras sociais diminuiu de frequência à medida que o personagem foi entrando em contato com outras contingências de reforço e, com isso, observou-se a formulação de suas autorregras. Identificaram-se também as relações coercitivas (punição e reforçamento negativo) a que o personagem esteve exposto ao longo da vida. Esse tipo de relação tanto modelou o repertório público quanto o repertório comportamental privado do personagem. A maior parte dos comportamentos privados apresentados pelo personagem é de teor agressivo e mantê-los privados foi uma forma de fuga ou esquiva de situações aversivas. Esse filme possibilita acesso direto aos comportamentos privados do personagem, propiciando, assim, a aplicação e a discussão de conceitos relativos a esse tipo de comportamento. A análise de um filme serve, portanto, como recurso didático, auxiliando o desenvolvimento do raciocínio clínico do terapeuta.

Palavras-chave: análise de filme; coerção; comportamento privado; comportamento modelado por contingência; comportamento governado por regra.

Com a análise de filmes, livros, crônicas, peças teatrais, dentre tantas outras manifestações artísticas, é possível apresentar, aplicar e discutir muitos conceitos da Psicologia. Mesmo quando estes apresentam histórias fictícias, o exercício que essa análise propõe, tratando a ficção como uma possibilidade real, serve de excelente recurso didático, propiciando grande auxílio para o desenvolvimento do raciocínio clínico do terapeuta.

Este trabalho propõe uma análise dos comportamentos do protagonista do filme “Sozinho contra todos” (título original: Seul contre tous) do diretor argentino Gaspar Noé, usando como suporte teórico a filosofia do Behaviorismo Radical proposta por B. F. Skinner, assim como sua ciência, a Análise do Comportamento.

A escolha desse filme, em particular, se deu pelo fato de ele possibilitar acesso direto aos comportamentos privados do personagem. Em um contexto clínico, o terapeuta depara-se com a dificuldade de acesso aos conteúdos privados de seus clientes. Tal acesso só é possível de forma indireta, por meio de autorrelatos, gestos, desenhos, entre outros, e será sempre impreciso em maior ou menor escala.

Assim como a privacidade, pretende-se trabalhar conceitos como regras e autorregras, comportamentos sob contingências de punição e reforçamento negativo. Além de se apresentar alguns conceitos da abordagem utilizada, pretende-se também destacar as relações comportamentais relevantes para se entender o caso e, de certa forma, demonstrar a teoria através dos fenômenos comportamentais apresentados pelo personagem.

No primeiro capítulo, será feito um breve resumo da história do filme do personagem. O capítulo seguinte estará dividido em três seções. Na primeira, serão

descritas as variáveis que interferem no controle das regras e autorregras no comportamento do personagem. Na segunda, serão descritas as variáveis que interferem no controle de regras sociais. Na última seção, serão descritas algumas vantagens e desvantagens dos comportamentos governados por regras e do comportamento governado por contingências. Ainda, sobre a história de vida do personagem, pretende-se descrever como se deram o enfraquecimento da regra moral no controle dos seus comportamentos, a sensibilidade às contingências e a formulação de suas autorregras.

O terceiro capítulo foi reservado para a discussão dos comportamentos privados. Nele, serão caracterizados os comportamentos privados do personagem e definidas suas funções e as variáveis que influenciam a ocorrência em seu repertório comportamental. A monografia é concluída com considerações finais, que relacionam as diferentes seções do trabalho.

Capítulo 1. Resumo do Filme

Sozinho Contra Todos (Seul contre tous, 1998)

Roteiro e direção: Gaspar Noé

Origem: França

Duração: 93 minutos

O filme retrata parte da história de um açougueiro de 50 anos, nascido nos arredores de Paris, em 1939. Nunca conheceu o pai e, já aos 2 anos, foi abandonado pela mãe, sendo criado desde então em um orfanato, onde sofre violência sexual por parte do docente. Aprende o ofício de açougueiro aos 14 anos e, aos 30, consegue abrir seu próprio açougue de carne de cavalo.

Conhece uma jovem que, por descuido, engravida. Nasce Cyntia. A jovem, logo após o nascimento, foge com outro homem, deixando a filha para ser criada com o pai. Com a vinda da adolescência, o açougueiro vai descobrindo uma atração pela filha.

Uma reviravolta acontece em sua vida no episódio da primeira menstruação de Cyntia. A jovem, assustada com o sangue, vai até o açougue de seu pai. No caminho, encontra um trabalhador que tenta seduzi-la, mas ela é resgatada por um vizinho que a leva a seu pai. O açougueiro, ao ver o sangue na saia da filha, julga que a violentaram, vai em busca do culpado mas, transtornado, acaba esfaqueando o trabalhador errado. O açougueiro é preso e sua filha colocada em um abrigo.

Quando sai da prisão, agora sem nenhum bem, procura reestruturar a vida para resgatar a filha, e acaba arrumando emprego em um café. Torna-se namorado da dona desse café, que logo fica grávida. Eles se mudam para o norte da França, temporariamente para a casa da sogra, para recomeçar a vida.

O açougueiro se vê dominado pela mulher, dona do dinheiro, e forçado a procurar um emprego. A relação do casal começa a ficar conflituosa, chegando ao ponto da agressão física. Neste episódio, o açougueiro bate na mulher, em seu bebê ainda na barriga e na sogra. Foge com o revólver que a sogra guardava do marido falecido.

Volta a Paris, mais uma vez com a ideia de recomeçar a vida. Busca ajuda de antigos amigos, procura emprego, antigos fornecedores, mas não consegue nada. Sente-se humilhado e deseja vingança. “É estranho. Fracassei em tudo. O meu nascimento, a minha juventude, os meus amores, os meus negócios... Não devia ter nascido. (...) A minha vida toda é um erro. Menos a minha filha”.

Decide pegar a filha no abrigo. Tem uma série de pensamentos nos quais faz sexo com a filha, mata-a e se mata em seguida. Mas a filha é tudo o que ele tem agora e tudo o que ele mais quer bem, não quer ver a filha sofrer.

No próximo capítulo, serão apresentados alguns comportamentos do personagem diretamente modelados por contingências e outros comportamentos controlados por regras e autorregras, assim como suas vantagens e desvantagens.

Capítulo 2. Comportamentos Modelados por Contingências e Comportamentos Controlados por Regras

Pode-se perceber, ao longo do filme, que muitos dos comportamentos emitidos pelo protagonista são eminentemente controlados por regras. Como seria de se esperar, vários outros comportamentos parecem ter sido diretamente modelados por contingências.

2.1. Regras e Autorregras

Diz-se que um comportamento está sob controle de uma regra quando um estímulo verbal (a regra) funciona como estímulo discriminativo para este comportamento. As regras descrevem contingências e são subprodutos da nossa interação social. São consideradas regras, os conselhos, instruções, ordens, entre outros. As regras podem ser formuladas por terceiros ou podem ser formuladas pelo próprio sujeito, sendo neste caso chamadas de autorregras. As autorregras são modeladas e mantidas pelas contingências nas quais o sujeito está inserido, e são derivadas de regras formuladas por outros ou a partir de suas próprias experiências (Matos, 2001; Meyer, 2005). Após serem elaboradas pelo indivíduo, elas podem ocorrer de forma privada, por meio de pensamentos, por exemplo, ou publicamente por meio da fala (Jonas, 2001).

Matos (2001) aponta a necessidade de se investigar as contingências do comportamento controlado por regras de forma a se entender melhor a função de tais comportamentos. O filme proporciona um espaço frutífero para discussão do tema, pois retrata a vida passada e presente de um personagem, possibilitando traçar um possível histórico de aquisição de regras, assim como suas contingências

mantenedoras (atuais), e ainda a emissão de autorregras por meio de seus pensamentos.

A temática central do filme relaciona-se com a solidão vivenciada pelo protagonista. Podemos acompanhar, durante a narrativa, a construção de uma história de solidão de um indivíduo que vai sendo abandonado ao longo da vida pelas pessoas que o cercam. Esse acaba sendo o conteúdo implícito das regras que guiam seus comportamentos. Pode-se eleger como uma regra exemplar o seguinte pensamento:

“O amor e a amizade são pura ilusão. (...) Vivemos, nascemos e morreremos sozinhos. Sempre sozinhos. (...) Pensamos que vivemos num mundo civilizado, mas é uma selva. E, pra viver nessa selva, temos que fazer parte dos animais mais fortes. Se fizer parte dos outros, tem que fugir a vida toda para salvar o couro.”

Pode-se analisar o exemplo a partir dos três fatores descritos por Matos (2001) como fundamentais para que a regra exerça controle dos comportamentos de um indivíduo. Os fatores são: a correspondência entre certos eventos e o comportamento verbal do falante; a correspondência entre o comportamento verbal do falante e certos comportamentos do ouvinte; e a correspondência entre certos comportamentos do ouvinte e certos eventos no ambiente como, por exemplo, aprovação social por seguir a regra e as consequências naturais por segui-la (Matos, 2001).

O primeiro fator explicita uma correspondência entre eventos ambientais e o comportamento verbal do falante na formulação de regras, ou seja, o que o indivíduo discrimina dos acontecimentos vivenciados. Sobre o exemplo dado, vários episódios da vida do personagem se encaixam como contexto que embasam essa regra. O fato de ter sido abandonado pelos pais e pela mãe de sua filha que, não só o abandona,

mas abandona também a própria filha. Ainda, a mulher que se recusa a abrir um novo açougue para ele, em decorrência de seus próprios motivos; a recusa dos amigos em lhe dar ajuda; a agência de emprego, assim como os antigos fornecedores, que não lhe ofereceram nenhuma oportunidade de emprego. Os exemplos não acabam: o “sistema” que lhe tomou tudo após sua prisão, o fato de ter que aprender uma profissão aos 14 anos para sobreviver, etc.

O segundo fator apresentado por Matos refere-se à correspondência entre o comportamento verbal do falante e certos comportamentos do ouvinte. Neste filme em especial, temos o privilégio de acompanhar as relações comportamentais do personagem atuando como falante e ouvinte de si mesmo. Isso é retratado por meio dos comportamentos privados, no caso os pensamentos emitidos por ele, e aos quais temos acesso. Esses pensamentos são, geralmente, controlados pela autorregra: “Pra viver nessa selva, temos que fazer parte dos animais mais fortes. Se fizer parte dos outros, tem que fugir a vida toda para salvar o couro”.

A construção e manutenção dessa regra dão-se com o fato de o açougueiro, outrora um animal forte, ter perdido tudo o que tinha e, nessa nova condição, como animal fraco, as pessoas lhe terem negado ajuda. Em outra cena que se passa num bar, o açougueiro é enxotado por três homens e foge “para salvar o couro”. Retorna em seguida, agora armado na condição de “animal mais forte”. É significativa a cena em que o açougueiro, ao adquirir a arma, emite o pensamento “Já perdi demasiado tempo. E, além disso, agora tenho uma pistola. (...) É estranho, mas agora sinto que posso confiar na minha sorte”, revelando o sentimento de pertencimento ao grupo dos mais fortes, pelo menos em algum sentido. O último ponto apresentado pela autora refere-se às consequências por seguir as regras, podendo ser a aprovação social, a punição social e/ou as consequências naturais (i.e., advindas da relação

direta entre o comportamento governado pela regra e o ambiente) por segui-las. Voltemos ao exemplo apresentado anteriormente: “Vivemos, nascemos e morremos sozinhos. (...) E, pra viver nessa selva (...) tem que fugir a vida toda para salvar o couro.” A consequência explícita da regra elaborada pelo personagem é “salvar o couro”, ou seja, livrar-se de situações aversivas. Por exemplo, quando o personagem aceita trabalhar como vigia, expressa o alívio por não ter que aturar mais a mulher e a sogra o dia todo. Após o incidente da agressão à mulher, ele foge para Paris e evita, por exemplo, uma possível condenação. Quanto mais ele foge, maior a probabilidade de ele não se afiliar a ninguém. Ou seja, o isolamento social gerado a médio e longo prazo por esse comportamento de fugir acaba reforçando a regra de ser sozinho.

2.2. Regra Social – Moralidade

Apesar de a regra exposta acima controlar muitos dos comportamentos do protagonista, ela não é a única regra que regeu seus comportamentos. Ele tinha também seus comportamentos guiados por uma moralidade que foi construída ao longo de sua vida.

A moral, na visão skinneriana, é produto do terceiro nível de variação e seleção pelas consequências¹, ou seja, é produto do nível cultural (Skinner, 1981/2007; Todorov & de-Farias, 2009).

No Dicionário Michaelis², a palavra moral é relativa aos bons costumes, está de acordo com a honestidade e a justiça, refere-se ao que é decente, educativo e

¹ Os níveis de variação e seleção fazem parte de um modelo causal onde as consequências passadas têm um papel determinante em selecionar o comportamento humano. Ou seja, o comportamento humano é produto de um conjunto de três níveis de variação e seleção, sendo eles: no primeiro nível, as contingências de sobrevivência responsáveis pela seleção natural das espécies; no segundo nível, as contingências de reforçamento responsáveis pelos repertórios adquiridos individualmente por seus membros; e, no terceiro nível, as contingências especiais mantidas por um ambiente cultural evoluído. Em todos os três níveis, o filogenético, o ontogenético e o cultural, as respectivas mudanças em níveis de espécie, práticas individuais e grupais só ocorrem caso haja alguma variação (genética, comportamental ou de práticas grupais) e se essas variações forem selecionadas pelas contingências em vigor (Skinner, 1981/2007; Todorov & de-Farias, 2009).

instrutivo, e consiste em um modo de proceder. Todos esses conceitos envolvidos na noção de moralidade são estabelecidos socialmente, dizem respeito às práticas estabelecidas pela própria sociedade, voltadas para o seu “bem” e manutenção. O valor moral é uma forma de zelar pela sobrevivência da cultura. “O comportamento moral como prática cultural fortalece a função da cultura de servir ao grupo, e não aos seus indivíduos aumentando a probabilidade de sobrevivência dessa cultura. Seus reforços serão usufruídos pelas gerações futuras” (Horta, 2004, p. 32).

Sendo seus reforços naturais usufruídos somente pelas gerações futuras, o que controla o comportamento das pessoas que emitem os comportamentos tidos como morais são os reforçadores condicionados liberados para esses comportamentos, como a atenção, o elogio, a aprovação, o apreço, o aplauso, o prestígio, mas também, a ameaça, o castigo, entre outros (Abib, 2001).

Como comportamento guiado por regras sociais morais emitidos pelo personagem, o filme retrata principalmente o controle dessas regras antes do episódio da prisão. Analisando esse primeiro momento, percebem-se pontos da moralidade do personagem: o cuidado e preocupação com a filha, o sustento de sua família mesmo nas dificuldades que possa ter encontrado, a honestidade observada e comentada pelo personagem em seu trabalho e na administração de seu açougue, etc. Pode-se levantar a hipótese de ele ter sido incentivado por docentes ou tutores do orfanato a trabalhar cedo, a fim de se tornar independente e, desse modo, não dar mais despesas ao Estado. Com isso, pode ter recebido elogios e aprovação social. Abriu então seu próprio negócio, o que geralmente propicia prestígio, atenção e apreço das pessoas. Até mesmo o fato de o personagem conter o desejo pela filha pode ter sido controlado pelo estabelecimento de uma possível punição para esse comportamento e

² Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=moral>, no dia 01/05/2012.

ainda pela possível perda de reforçadores, regra essa muitas vezes transmitida por instituições como igreja e mídia.

Com as informações exibidas no filme sobre o histórico de vida do personagem, serão levantadas algumas hipóteses a respeito de sua história de vida, que poderão ajudar na compreensão do impacto da regra social, moral em sua vida.

Como o personagem foi abandonado pela mãe aos 2 anos de idade e foi levado para um orfanato, supõe-se que a moralidade que regeu os comportamentos do açougueiro tem suas bases construídas neste ambiente institucional. Utilizaremos como referência a visão de Lidia N. D. Weber, sobre a vida em instituições no Brasil.

Weber (1999) descreve alguns empecilhos que os orfanatos no Brasil apresentam no atendimento das crianças com relação a um tratamento mais individualizado, de acordo com as necessidades de cada uma delas. A autora aponta essas instituições como tendo um grande número de crianças sendo atendidas ao mesmo tempo, na mesma unidade; o tratamento como sendo massificado e despersonalizado, onde todos devem fazer as mesmas coisas ao mesmo tempo, e nada podem possuir; ocorre ainda grande rotatividade de funcionários e rotatividade das próprias crianças e adolescentes que são atendidos, dificultando formação de vínculos e de aprendizado, entre outros fatores.

Este contexto mostra-se favorável para que regras sociais morais sejam implementadas, possibilitando maior controle das pessoas atendidas para que, no futuro, estes não causem outros problemas de ordem social e, assim, a cultura possa ser mantida. Apesar de as regras sociais tornarem-se essenciais para a convivência em grupo no dia a dia dessas instituições, esses ensinamentos podem se mostrar frágeis, não refletindo o que os internos vivenciam, ou seja, estarem fora de contexto. Esse pode ter sido o ambiente onde o açougueiro tenha criado a noção de cuidado e

honestidade, mas foi também o lugar onde foi violentado e, aos 14 anos, teve que arrumar um trabalho para sobreviver, sinalizando certas dificuldades e pressões na convivência social. Todo esse contexto possivelmente contribuiria para que as autorregras fossem construídas e para que o controle da moralidade fosse diminuído.

2.3. Implicações dos Comportamentos Governados por Regras e o Comportamento Diretamente Modelado por Contingências

O comportamento governado por regras apresenta algumas implicações nessas relações de contingências. A regra induz um indivíduo a se comportar sem ter que se expor diretamente às contingências. Isso pode se tornar uma vantagem quando a sua consequência é punitiva ou em situações onde as contingências viriam apenas em longo prazo e a obtenção de reforço é muito distante da resposta, dificultando a modelagem do comportamento. Ainda, quando os comportamentos modelados pela contingência são indesejáveis para o indivíduo ou seu grupo (Skinner, 1975). Portanto, uma regra pode economizar várias tentativas de acerto e erro, assim como punições indesejadas.

Essas vantagens podem ser alcançadas ao se seguir regras sociais como faz o açougueiro, que se favorece das regras sem ter que se expor diretamente a algumas contingências indesejáveis.

Existe também uma maior rapidez na forma com que o comportamento é instalado se comparado com o comportamento diretamente modelado pelas contingências (Skinner, 1975). Porém, se acontece alguma mudança no contexto e esse controle não se adapta a essas novas contingências, dependendo da história anterior do indivíduo com relação às regras, o comportamento tende a se enfraquecer (Matos, 2001).

Ao contrário dos comportamentos controlados por regras, quando comportamento é modelado por contingências, são os eventos ambientais que funcionam como estímulos discriminativos, o que modela e mantém esses comportamentos são suas consequências diretas no ambiente (Skinner, 1975). No filme, os comportamentos do açougueiro controlados por regras sociais foram enfraquecendo (diminuindo de frequência) na medida em que ele foi entrando em contato com outras contingências de reforço. Após ter sido preso, o personagem ficou sem as coisas que tinha antes. Perdeu a filha, o apartamento, o açougue. Envolveu-se em um relacionamento e acabou entrando em contato com situações bem aversivas, como as humilhações da esposa e sua recusa em abrir logo um novo açougue, a mudança para um lugar onde não conhecia ninguém, a busca por um emprego novo, a falta de dinheiro e a dependência da esposa, a ausência da filha ou a gravidez inesperada da mulher.

A combinação desse novo contexto com as experiências históricas de sua vida, de abandono e solidão, e ainda com o contexto sociocultural em que estava inserido na antiga cidade atingida por forte crise econômica, pode ter contribuído para o surgimento dos sentimentos de humilhação, injustiça, fracasso.

O controle da moralidade começou a perder sua força e as discriminações das contingências em que estava vivendo e das que esteve exposto ao longo da vida ganharam força e começaram a reger seus comportamentos.

Seus comportamentos privados relacionados ao ambiente externo aumentam de frequência, assim como as autorregras. Novas situações ambientais foram estabelecidas e acabaram exigindo novos comportamentos. O comportamento de seguir o padrão moralmente aceito foi caindo de frequência ao longo do filme e o

personagem torna público alguns dos comportamentos privados modelados pelas novas contingências e regidos por suas autorregras.

O açougueiro foge, procura emprego, pede dinheiro, ajuda, mas não consegue nada. Não parece achar a luz no fim do túnel que é sua vida. Até que constata: “É estranho, fracassei em tudo. O meu nascimento, a minha juventude, os meus amores, os meus negócios. Não devia ter nascido. (...) A minha vida toda é um erro. Menos a minha filha”.

O próximo capítulo abordará o conceito de comportamentos privados, relacionando-o às autorregras e demais comportamentos do personagem.

Capítulo 3. Comportamento Privado

Durante todo o filme, é notável a presença dos pensamentos do personagem principal. Em um contexto clínico, não é possível ter acesso direto aos pensamentos de um cliente. Somente é possível entrar em contato com eles indiretamente, caso o cliente os demonstre de alguma maneira, seja por meio de falas, gestos, escrita, desenhos, ou outras formas. E, mesmo quando o faz, esse relato será sempre impreciso em maior ou menor escala. Essa dificuldade de se acessar os pensamentos e a imprecisão desse é um dos desafios que o psicólogo clínico tem que lidar em seu trabalho. O mesmo não ocorre na análise do personagem, dada a forma direta que o filme oferece seus pensamentos. Este é o maior chamariz para se analisar este filme. O comportamento privado, entre outras coisas, nos dá dicas de possíveis privações que a pessoa está sofrendo, as contingências aversivas que vivencia, seus mecanismos de fuga e esquiva, assim como seus reforçadores e situações prazerosas (Delitti, 1993). Assim, é possível se entender melhor o quão significativo pode ser o estudo dos eventos privados e de sua relação com os comportamentos públicos.

Skinner (1953/2007) afirma que o comportamento é função do ambiente, ou seja, sua ocorrência depende de eventos ambientais. Ambiente, por sua vez, diz respeito a “qualquer evento no universo capaz de afetar o organismo” (p. 281). Dentro desse universo no qual o indivíduo se insere, estão contidas algumas situações particulares às quais somente o próprio indivíduo tem acesso direto. Essas situações são, por exemplo, as respostas de um indivíduo frente à dor de um dente inflamado, os estados de excitação sexual ou mesmo situações de privação alimentar.

A este “mundo particular” é dado o nome de privado. Ele se distingue dos eventos públicos somente por sua inacessibilidade pública. Os pensamentos,

sentimentos e sensações são eventos privados, pois só quem os vivencia, pensa e sente é capaz de relatá-los. No mais, para a Análise do Comportamento, os eventos privados, assim como os públicos, são entendidos como eventos naturais, também sendo derivados da história genética e ambiental dos indivíduos (Baum, 1994/2006; Skinner, 1953/2007, 1974/1993).

Comportamentos privados e públicos podem funcionar como variáveis dependentes e como variáveis independentes (como estímulo antecedente ou consequente) dentro de uma relação comportamental. Ou seja, os comportamentos podem exercer influência em outros comportamentos, mas nunca podem ser considerados como causas primárias destes (Matos, 2001). É sempre necessário investigar as relações comportamentais de maneira mais ampla, a fim de não incorrer em explicações circulares infrutíferas.

O açougueiro emite incansavelmente seus pensamentos (comportamento privado) em quantidade superior aos comportamentos verbais públicos. Essa quase ausência de fala é uma condição apresentada pelo personagem modelada por sua comunidade verbal, de acordo com Tourinho (2001) que, remetendo-se às ideias de Skinner, afirma que “toda resposta verbal é função de contingências de reforçamento dispostas por uma comunidade verbal. É a comunidade que modela nosso repertório verbal, e sua ação é baseada naquilo que lhe está acessível à observação” (p. 165).

Um dos fatores que contribuíram para essa quase ausência de fala do personagem foi o ambiente repressor de toda a sua vida. Sua infância como interno lhe impôs uma massificação pelo pouco espaço para manifestações individuais. Num local que abriga tantos indivíduos e de forma tão inadequada, não é desejável que os internos demonstrem suas necessidades; caso demonstrem, é provável não serem atendidos, podendo até serem desmerecidos, ridicularizados, diminuídos. Dessa

forma, a reclamação e a expressão de sentimentos, além de serem pouco estimuladas, podem ser ainda sinais de fraqueza perante os outros, características dos “animais mais fracos”, o que poderia deixá-lo suscetível a chacotas e exploração. Esse ambiente demonstra um convívio hostil e de amor condicional que não favorece o diálogo, o aprendizado de trocas afetivas, habilidades sociais, assertividade e segurança.

Crescendo nesse ambiente, é possível supor que o açougueiro tenha pouca habilidade para estimular sua filha, ensinando-lhe repertórios verbais e afetivos. Nas cenas em que ela aparece, vê-se uma menina apática que quase não fala, não expressa vontades e nem sentimentos. Esses são comportamentos observados no próprio personagem.

Apesar de a apatia ser visível em seus comportamentos públicos, privadamente conversa consigo mesmo o tempo todo. Contudo, observa-se que, em grande parte, os comportamentos públicos do personagem estão sendo controlados por reforçamento negativo e punição. Essas relações comportamentais são tidas na Análise do Comportamento como coercitivas e podem trazer alguns efeitos desagradáveis na vida de indivíduos que tenham suas relações controladas principalmente por esses tipos de arranjos comportamentais (Sidman, 1989/2001; Skinner, 1953/2007).

O fato de o personagem apresentar tantos comportamentos privados indicaria a possibilidade de punição caso eles se tornassem públicos. Portanto, esses pensamentos acabam sendo uma forma de fuga ou esquiva de possíveis situações aversivas. Ou seja, o “excesso” de comportamento privado foi modelado pelo histórico de vida do personagem e mantido por algumas contingências aversivas atuais.

O reforçamento negativo acontece quando a consequência de uma ação é a retirada de um estímulo do ambiente. Isso acontece, por exemplo, “quando nos livramos, diminuímos, fugimos, ou esquivamos de eventos perturbadores, perigosos ou ameaçadores” (Sidman, 1989/2001, p. 56). O fato de nos livrarmos de situações ruins, aversivas, aumentam a probabilidade de que emitamos a mesma resposta/ação no futuro, em situações semelhantes física ou funcionalmente.

Ao longo do filme, encontramos o personagem exposto a esse tipo de contingência quando ele se comporta a fim de evitar algumas situações, como, por exemplo, quando aceita o emprego de vigia noturno e dessa forma diminui seu contato com a sogra e a esposa, ou quando muda de cidade após bater na esposa e sogra, evitando a prisão. Ele também age assim quando se comporta guiado por uma regra moral, evitando represálias sociais.

“Reforçamento negativo gera fuga” (Sidman, 1989/2001) e é exatamente isso que esses exemplos nos demonstram. Quando o açougueiro se encontra nessas situações, faz de tudo para livrar-se delas, está sempre tentando escapar do sombrio túnel que é a sua existência. Segundo Sidman, o reforçamento negativo:

“se intenso e contínuo, pode restringir estreitamente nossos interesses, até mesmo causando uma espécie de ‘visão de túnel’ que nos impede de atentar para qualquer coisa, exceto o estresse a que estamos, no momento, sendo submetidos. (...) Em casos extremos, estaremos sempre olhando por sobre os ombros para ver que novo desastre está a ponto de desabar sobre nossas cabeças” (Sidman, 1989/2001, p. 109).

A “visão de túnel” ilustrada por Sidman condiz com a realidade do personagem que, ao vivenciar situações que lhe são desfavoráveis, torna-se cada vez mais desconfiado e, com isso, suas autorregras vão tomando força:

- (1) “É sempre a mesma coisa. Cada um defende o seu dinheiro. Cada um defende o seu bife. E ninguém o faz por ti”;
- (2) “Vivemos, nascemos e morremos sozinhos. Sozinhos, sempre sozinhos”;
- (3) “O amor filial é um mito. À mãe só se quer bem enquanto der leite. Ao pai enquanto dê dinheiro”;
- (4) “Só quando existe uma herança é que os filhos fingem ser amigos”;
- (5) “O amor e a amizade são pura ilusão”;
- (6) “Quando perde a vontade de foder, repara que não há mais nada pra fazer no mundo”;
- (7) “A vida é um grande vazio, sempre o foi e sempre o será”;
- (8) “Quanto menos dinheiro se tem, mais as pessoas nos evitam”;
- (9) “Se sabem que está sem grana, te escorraçam”; e
- (10) “A prisão é para os pobres. Quando se é rico a lei está do seu lado”.

Outra contingência aversiva, a punição, é aplicada como forma de cessar (ou, ao menos, diminuir a probabilidade de) algum comportamento. Ocorre quando uma ação é seguida (i) pela retirada de reforçadores positivos (punição negativa), ou seja, a retirada de estímulos que aumentariam a frequência das respostas que os produzem; ou (ii) pela apresentação de reforçadores negativos (punição positiva) (Skinner, 1953/2007). “Administramos todos os tipos de punição de forma a controlar outras pessoas a fim de parar ou impedir quaisquer de suas ações que nos machucam, privam, insultam ou desagradam” (Sidman, 1989/2001, p. 81).

Podem-se citar alguns exemplos de punição negativa a que o açougueiro é exposto quando perde sua liberdade, seu açougue, seu apartamento e a convivência com a filha, após ter agredido o trabalhador. Contingências de punição positiva ocorrem, por exemplo, quando a esposa o repreende porque ele diz que não quer

candidatar-se às ofertas de emprego que lhe aparecem, ou quando ela o xinga após lhe contarem que o viram com uma mulher.

O ambiente vivido pelo personagem depois que sai da prisão é, de maneira geral, aversivo. Seus comportamentos em maior parte são guiados por relações de punição ou reforçamento negativo. Como vimos, esses tipos de contingência fizeram com que os comportamentos de fuga e esquivas do açougueiro aumentassem.

A punição, assim como a privação, acaba induzindo a agressividade por parte de quem a sofre. A coerção gera também um contracontrole, onde “a melhor defesa é um bom ataque” (Sidman, 1989/2001, p. 222). Portanto, o personagem acaba se engajando em ações voltadas para “dar uma lição” em quem, em algum momento, o enxotou, agrediu, humilhou, etc., podendo também dirigir sua agressão a outros que nem mesmo tinham relação direta com a agressão sofrida. A agressão física que dirige à sua esposa, entre outras pessoas, por exemplo, é uma forma de contracontrole utilizada pelo personagem.

Assim como estes comportamentos públicos, os pensamentos do personagem também são de cunho agressivo, pois foram estabelecidos pelas mesmas relações de contingência. A frequência de comportamentos privados depende de qual função eles exercem na relação do sujeito com seu ambiente. Pessoas em ambientes aversivos ou pouco prazerosos tenderão a fantasiar com uma frequência maior (Silva, 2008; Skinner, 1974/1993). A maior parte dos pensamentos do açougueiro, se emitidos publicamente, teriam grande probabilidade de serem punidos. Mantê-los privados é uma forma de evitar essa possível punição.

Skinner (1974/1993) apresenta outra vantagem do comportamento privado que se refere à possibilidade de o indivíduo agir sem se comprometer. “Podemos anular o comportamento e tentar novamente, se as consequências privadas não foram

reforçadoras” (p. 92). É como se fosse um ensaio, um teste de como seria, e o personagem faz claramente isso o tempo todo. A cena final do filme retrata esse pensamento como ensaio, de como seria caso ele tivesse uma relação sexual com a filha e matasse a ela e a si mesmo em seguida.

Os fatores motivadores para os pensamentos sexuais com a filha são, por um lado, a privação afetiva e sexual a que ele está exposto, tendo em vista que, de acordo com Skinner (1953/2007), se o indivíduo estiver em privação, todo comportamento que o levaria a saciar aquela privação seria aumentado de frequência. A filha torna-se então um estímulo eliciador sexual para o personagem durante o período em que ele cuidou dela, visto que o açougueiro não teve outras relações afetivas desde a fuga da mãe da filha. Além disso, era ele quem dava banho e trocava a roupa da menina até sua adolescência e acompanhou as transformações de seu corpo de menina até seu corpo de mulher. Portanto, essa relação com a filha é o único contato íntimo com mulheres que teve neste período.

Por outro lado, pensar em fazer sexo com a filha pode ser considerado também como uma resposta de contracontrole ao sistema em que vive, uma forma de superar o controle que o oprime. Essa é a única situação onde ele pode fazer algo, pois em todas as outras ele é “podado”. Ainda, matar-se, como forma de cessar seu sofrimento e de escapar da punição do seu ato incestuoso, seria tanto sua maior fuga/esquiva quanto seu maior ato de contracontrole.

Capítulo 4. Considerações Finais

A análise aqui apresentada é, obviamente, uma análise ficcional, só tendo valor enquanto modelo e exemplo, contendo certo teor didático. Por meio dela, foi possível abordar conceitos que são relevantes em um contexto real.

No filme, a análise das contingências da vida do personagem possibilitou identificar um processo no qual o controle por regras sociais diminuiu de frequência na medida em que o personagem foi entrando em contato com outras contingências de reforço. Dessa maneira, as discriminações das contingências em que estava vivendo e das que esteve exposto ao longo da vida ganharam força e, baseado nessas experiências, favoreceram o surgimento de novas regras, formuladas pelo próprio personagem, que são dissonantes das regras sociais que outrora regiam seus comportamentos.

A análise dos comportamentos controlados por regras e por contingências nos atentou para as relações coercitivas (punição e reforçamento negativo) às quais o personagem esteve exposto ao longo da vida. Esse tipo de relação tanto modelou o repertório público – a pouca fala, a dificuldade de estabelecer relações afetivas e recíprocas, o comportamento arisco, agressivo e também apático –, quanto foi contexto para o estabelecimento e ocorrência dos comportamentos privados de cunho agressivo, assim como dos sentimentos de solidão e injustiça. Mantê-los privados foi uma forma de fuga ou esquiva, pois, na medida em que eles se tornassem públicos, teriam grande probabilidade de serem socialmente punidos. As privações de relações prazerosas também contribuíram para a ocorrência de comportamentos privados.

Numa circunstância hipotética de tratamento do personagem, a exposição a outras contingências não aversivas e fontes de reforçamento positivo seriam

imprescindíveis para que o mesmo desenvolvesse outros tipos de relações sociais e um repertório comportamental que superasse os seus excessos comportamentais (comportamentos de cunho agressivo) e os seus *déficits* comportamentais (falta de habilidades sociais e assertividade).

O terapeuta, por meio de uma postura empática e acolhedora, poderia ser fonte de reforçadores positivos ao estimular os relatos do personagem com relação aos seus sentimentos, angústias, injustiças, fracassos, etc. A terapia poderia ainda servir de contexto para aceitação de sentimentos, avaliação de comportamentos alternativos, treino de habilidades sociais e comportamentos assertivos. A relação com a filha poderia funcionar como uma operação estabelecadora para o engajamento em mudanças comportamentais e até servir como modelo para outras relações afetivas que venham a surgir (de-Farias, 2010; Ruas, Albuquerque & Natalino, 2010; Silva & de-Farias, 2010).

A análise desse filme mostra o quão significativo é entender melhor o mundo privado de uma pessoa. Estudá-lo e investigá-lo pode ser muito importante para se coletar dados, estabelecer o vínculo terapêutico e promover o autoconhecimento de um cliente e outras formas de intervenção. Entretanto, a dificuldade de se acessar os pensamentos e a imprecisão desses é um dos desafios que o psicólogo clínico tem que lidar em seu trabalho.

Este estudo teve a proposta de servir como modelo de análise e exemplo de problemáticas que são encontradas por terapeutas no trabalho clínico diário, por meio de exemplificações de conceitos e possibilidades de intervenção. Por ter sido desenvolvido com base em um filme, permite que outros profissionais desenvolvam outras interpretações do mesmo material, gerando debates e intercâmbio de ideias, o que contribui ainda mais para o desenvolvimento e aprendizado terapêutico.

Referências Bibliográficas

- Abib, J. A. D. (2001). Teoria moral de Skinner e desenvolvimento humano. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14 (1), 107-117.
- Baum, W. M. (1994/2006). *Compreender o Behaviorismo: Comportamento, cultura e evolução* (M. T. A. Silva, M. A. Matos, G. Y. Tomanari, E. Z. Tourinho, trads.). Porto Alegre: Artmed.
- de-Farias, A. K. C. R. (2010). Por que Análise Comportamental Clínica? Uma introdução ao livro. Em A. K. C. R. de-Farias (Org.), *Análise Comportamental Clínica: Aspectos Teóricos e Estudos de Caso* (pp. 19-29). Porto Alegre: Artmed.
- Delitti, M. (1993). O uso de encobertos na terapia comportamental. *Temas em Psicologia*, v. 1, n.2, ago. 1993.
- Dicionário Michaelis. Retirado no dia 01/05/2012, do site <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=moral>
- Horta, R. G. (2004). Sobre Comportamento Moral e Cultura. Em A. C. Cruvinel, A. L. F. Dias & E. N. de Cillo (Orgs.), *Ciência do Comportamento: Conhecer e Avançar* (Vol. 4, pp. 29-34). Santo André: ESETec.
- Matos, M. A. (2001). Comportamento governado por regras. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 3, 51-66.
- Matos, M. A. (2001). Eventos privados: O sujeito faz parte de seu próprio ambiente? Em R. A. Banaco (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Vol. 1. Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em Análise do Comportamento e Terapia Cognitiva* (pp. 209-220). Santo André: ESETec.

- Meyer, S. B. (2005). Regras e auto-regras no laboratório e na clínica. Em J. Abreu-Rodrigues & M. R. Ribeiro (Orgs.), *Análise do Comportamento. Pesquisa, teoria e aplicação* (pp. 211-227). Porto Alegre: Artmed.
- Jonas, A. L. (2001). O que é auto-regra? Em R. A. Banaco (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Vol. 1. Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em Análise do Comportamento e Terapia Cognitiva* (pp. 137-139). Santo André: ESETEC.
- Ruas, S. A., Albuquerque, A. R., & Natalino, P. C. (2010). Um estudo de caso em terapia analítico-comportamental: construção do diagnóstico a partir do relato verbal e da descrição da diversidade de estratégias interventivas. Em A. K. C. R. de-Farias (Org.), *Análise Comportamental Clínica: Aspectos Teóricos e Estudos de Caso* (pp. 179-200). Porto Alegre: Artmed.
- Sidman, M. (1989/2001). *Coerção e suas implicações* (M. A. Andery e T. M. Sério, trads.). Campinas: Livro Pleno.
- Silva, C. C. da, & de-Farias, A. K. C. R. (2010). Comportamento governado por regras: Um estudo de caso. Em A. K. C. R. de-Farias (Org.), *Análise Comportamental Clínica: Aspectos Teóricos e Estudos de Caso* (pp. 231-262). Porto Alegre: Artmed.
- Silva, L. Gomes da (2008). O fantasiar na perspectiva da análise do comportamento. Monografia de graduação não publicada, Faculdade de Ciências da Saúde, Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, Brasília.
- Skinner, B. F. (1953/2007). *Ciência e comportamento humano* (J. C. Todorov & R. Azzi, trads.). São Paulo: Martins Fontes.
- Skinner, B. F. (1974/1993). *Sobre o Behaviorismo* (M. P. Villalobos, trad.). São Paulo: Cultrix.

- Skinner, B. F. (1981/2007). Seleção por conseqüências (C. R. X. Cançado, P. G. Soares & S. Cirino, Trads.). *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, IX, 129-137.
- Skinner, B. F. (1975). *Contingências do reforço*. Coleção os Pensadores: Vol. 51 (Rachel Moreno, trad.). São Paulo: Abril Cultural.
- Sozinho Contra Todos. Título original: Seul Contre Tous. Direção: Gaspar Noé. País de Origem: França. Gênero: Drama. Tempo de duração: 93 minutos. Ano de lançamento: 1998. Estúdio/Distrib: Lumière Brasil. DVD
- Todorov, J. C. & de-Farias, A. K. C. R. (2009). Desenvolvimento e modificação de práticas culturais. Em A. L. F. Dias, A. C. P. M. Passarelli, F. L. de Melo, & M. A. S. de Moraes (Orgs.), *Ciência do Comportamento: Conhecer e avançar* (Vol. 7, pp. 79-90). Santo André: ESETec.
- Tourinho, E. Z. (2001). Eventos privados em uma ciência do comportamento. Em R. A. Banaco (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Vol. 1. Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em Análise do Comportamento e Terapia Cognitiva* (pp. 160- 171). Santo André: ESETec.
- Weber, L. N. D. (1999). A ficção e a realidade de crianças institucionalizadas: uma proposta de intervenção. *Congresso Internacional família e violência. Texto e Contexto*, Florianópolis, SC, Brasil, pp. 427-430.